

AS QUATRO CONCEPÇÕES DO HOMEM | FRANCIS WOLFF

Para responder à questão “que é o homem?” torna-se necessário refletir sobre quatro grandes períodos da história do pensamento, retirando deles quatro concepções fundamentais. A primeira busca definir o homem por sua “essência” fixa e eterna, e domina o pensamento antigo e medieval. Na era clássica, tal concepção será criticada por Descartes. As concepções mais modernas podem ser lidas como duas respostas ao cartesianismo clássico ou ao essencialismo antigo.

Francis Wolff é professor de Filosofia da Universidade de Paris X.

A INVENÇÃO DO PÓS-HUMANO | FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA

Para que a impossibilidade de dominar o movimento e a mudança de tudo não nos angustie, empenhamo-nos em tentativas de traduzir a contínua transformação inerente ao processo de existir em uma vida realizada. Contudo, percebemos que os movimentos que instabilizam sem cessar nossa subjetividade são provocados por poderes invisíveis, anônimos, sem densidade suficiente para que pudéssemos enfrentá-los. Nesse cenário difícil, a condição humana mostra sua heteronomia ética, sua desintegração política, sua alienação histórica e sua fragmentação subjetiva. **Franklin Leopoldo e Silva** é professor de filosofia da USP.

O que mantém um homem vivo? (II): novos devaneios sobre algumas transfigurações do humano RENATO LESSA

Para pensar as possibilidades políticas dentro da lógica, um tanto ilógica, das mutações, parece não haver metáfora mais pertinente do que a do naufrágio e, por conseguinte, da navegação. Ambas tão antigas quanto a linguagem; ambas que não param de ecoar até hoje, no pensamento de um Hans Blumenberg por exemplo. Há que se descobrir, hoje, costas e ilhas, portos e alto-mar, velas e lemes, faróis e pilotos...

Renato Lessa é filósofo e professor de Teoria Política do IUPERJ e da UFF.

A CONTIGÊNCIA DO NOVO | NEWTON BIGNOTTO

Em 1958, Hannah Arendt publicou aquela que seria uma das obras mais importantes da filosofia política de nosso tempo: A condição humana. Nossa preocupação na conferência não será a de recuperar toda a complexidade do pensamento arendtiano, mas refletir sobre a maneira como as constantes inovações das ciências e da técnica alteram nossa compreensão do humano e destroem certezas arraigadas em nossa cultura. Para Arendt a condição humana se define por sua existência na história. Isso implica em dizer que não podemos nos recusar a identificar as mutações de nossa época, em nome de uma concepção do humano definido somente por suas características inatas.

Newton Bignotto é professor de Filosofia da UFMG.

DO ANTI-HUMANISMO AO PÓS-HUMANISMO: PODE-SE AINDA DEFENDER O HUMANISMO? | JEAN-PIERRE DUPUY

Os trans-humanistas consideram ter por missão, graças às tecnologias de ponta, concluir a próxima passagem da evolução biológica: a da espécie humana para as máquinas cibernéticas inteligentes e conscientes, que reinarão sobre o mundo. Uma vez que o homem pode se fazer criador de existências independentes, seria essa utopia o fim do humanismo ou sua apoteose?

Jean-Pierre Dupuy é professor de Filosofia na Escola Politécnica de Paris e na Universidade de Stanford.

IDENTIDADES IRRECONHECÍVEIS | OSWALDO GIACOIA

A conferência discutirá o pensamento foucaultiano, que em meados da década de 1960 registrava a datação recente do aparecimento do “homem” como problema colocado para o saber. Dizia então Foucault que “o homem é uma invenção da qual a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente a data recente. E talvez o fim próximo.” Em seus últimos cursos no Collège de France, Foucault experimenta novas reflexões sobre o governo dos vivos, sobre o exercício da política em termos da direção das condutas, retornando aos primeiros anos da era cristã e às práticas ascéticas como tecnologias de si próprio.

Oswaldo Giacoia é professor de Filosofia.

MARX E A CONDIÇÃO HUMANA | FRANCISCO DE OLIVEIRA

O materialismo marxista construiu sobre o trabalho o fundamento do humano. Ou seja: o homem de Marx é, antes de tudo, o produto de sua força, em busca da reprodução. Com o fim das utopias, a desqualificação do trabalho e uma época em que o produtor é subjugado pelo seu produto, imperativo e indomável, a pergunta, dentro dos termos mais marxistas, é: o que será a condição humana?

Francisco de Oliveira é professor de Sociologia da USP.

SOBRE A POTÊNCIA POLÍTICA DO INUMANO: RETORNAR À CRÍTICA AO HUMANISMO | VLADIMIR SAFATLE

É cada vez mais aceito um certo diagnóstico de época que determina o presente como era do esgotamento da “humanidade” do homem, ou seja, esgotamento dos atributos que o projeto filosófico da modernidade forjou para definir o “humano”: autonomia reflexiva, autodeterminação, imputabilidade moral e individualidade singular. Em vez de buscar a atualização de regimes de humanismos, buscaremos mostrar como a modernidade foi também o espaço das experiências de confrontação com o inumano.

Vladimir Safatle é professor de Filosofia da USP.

O NÃO-LUGAR DO HUMANO | JOÃO CAMILLO PENNA

É exatamente quando se está perdido em meio a mutações que as utopias, como direções em um mapa, tornam-se necessárias. Na falta delas, hoje, cabe, então, procurar saber o que são; histórialas. Por ora, pode-se adiantar que uma utopia é o que se dilui assim que se torna projeto; é, portanto, como indica a etimologia da palavra, um não-lugar. De Thomas Morus, claro, até maio de 1968, muitos serão os autores abordados.

João Camillo Penna é professor de Literatura Comparada e Teoria Literária da UFRJ.

HOMO CIVILIS (OU HOMO SAPIENS 2.0) | LUIZ ALBERTO OLIVEIRA

Se a teoria da seleção natural de Darwin tratou de associar o desenvolvimento dos seres vivos a uma dupla contingência: a deriva dos caracteres genéticos e a adaptação ao âmbito bio-ecológico, a civilização técnica, hoje em seu auge, aponta para uma espécie de nova evolução, não-natural, decorrente da manipulação de células, órgãos e organismos e da fusão do carbono com o silício.

Luiz Alberto Oliveira é físico, doutor em Cosmologia e professor de Epistemologia, História e Filosofia da Ciência.

O CONTROLE DE SI: EM DIREÇÃO A UM HOMEM NOVO? | JOËLLE PROUST

A observação de estudos que associam sistemas corticais animais e humanos a sistemas artificiais levantam a hipótese de um ser humano modificado em sua profundidade. Não apenas no que concerne à ampliação do controle de seu entorno, como também a atribuições como auto-avaliação, inibição e reflexão sobre valores que presidem escolhas individuais e coletivas. **Joëlle Proust** é filósofa e membro do Institut Jean-Nicod - École Normale Supérieure - Paris.

SOBRE AS TESES DA MORTE DO HOMEM, DO FIM DO SUJEITO E DO ESGOTAMENTO DA FILOSOFIA | ANTONIO CICERO

Na esteira dos muitos arautos da morte do homem na modernidade, Foucault vai dizer que Nietzsche, tendo constatado a morte de Deus, mostrou que a ela não correspondia o aparecimento, mas o desaparecimento do homem. Se de um lado tomar “o homem” como um universal consiste em atribuir uma mesma essência a todos os homens, argumenta-se que se trata de um artifício através do qual as classes dominantes do Ocidente têm racionalizado seu imperialismo econômico e sua imposição etnocentrista. Por outro lado, considera-se também que tal “morte do homem” corresponde ao fim da “metafísica moderna”, segundo o pensamento heideggeriano. Por último, será examinada a questão de que os progressos da biotecnologia vêm conferindo uma nova e grave dimensão ao problema, pois permitem contemplar a eventual mutação da própria espécie humana.

Antonio Cicero é poeta e filósofo.

NÓS, AS CIVILIZAÇÕES, SABEMOS QUE SOMOS MORTAIS | SÉRGIO PAULO ROUANET

O título da conferência é a primeira frase do ensaio “A crise do espírito”, de Paul Valéry, publicado em 1919. Nele Valéry vai combinar duas perspectivas, a particularista e a universalista. Particularista quando toma como eixo as civilizações e universalista em sua crítica da modernidade. Essa dialética do particular e do universal foi aplicada por Valéry para pensar a crise de certezas e paradigmas que se deu depois da Primeira Guerra Mundial. Na conferência tal dialética será aplicada para pensar a crise que se deu a partir do fim da guerra fria, num mundo que se confronta com uma rejeição radical da modernidade e que vive os dois desafios gêmeos da globalização e da fragmentação.

Sérgio Paulo Rouanet é diplomata, doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo.

AQUILO DE QUE O HUMANO É INSTRUMENTO – DESCARTÁVEL | EUGÊNIO BUCCI

Foi Richard Dawkins que cunhou a imagem candente: o ser humano é um rio de informações genéticas que deságua não se sabe onde. Ou seja, um instrumento do que traz em si; imagem que relativiza o discurso cientificista corrente, pois caso, por exemplo, conclua-se que até o amor é um imperativo genético, não seria esse também o caso de tal conclusão? E mais: não seria esse também o caso do Projeto Genoma?

Eugênio Bucci é jornalista e professor da ECA-USP.

DELICADEZA | MARIA RITA KEHL

Por não ser a delicadeza algo inerente ao homem, precisamos tanto dela. É mais fácil encontrar alguma delicadeza espontânea entre os animais. A indelicadeza é própria do humano. O homem criou e expandiu um sem número de artefatos de morte; o homem valoriza e aperfeiçoa infinitos recursos para exibir sua suposta superioridade sobre os semelhantes, ferindo continuamente o frágil equilíbrio entre as representações do eu e do outro. Só o homem é capaz de ferir o silêncio, aniquilar a escuridão, desacreditar do mistério, acelerar o tempo. Acima de tudo, somos indelicados com o tempo: desde o início da era industrial, o homem vem esgarçando este frágil e

precioso tecido da existência. Por isso a delicadeza é uma conquista, um valor ético, um parâmetro estético.

Maria Rita Kehl é psicanalista, doutora em Psicanálise pelo Departamento de Psicologia Clínica da PUC-SP.

A SEXUALIDADE VAI DESAPARECER? | MARCELA IACUB

A sexualidade é uma categoria jurídico-política recente. Tanto que é só nos anos 1980 que entra para o vocabulário penal, embora, pouco a pouco, ao longo do século 20, já viesse se tornando uma espécie de ideologia de Estado, associada a um saber quase biológico. Uma vez que o Estado aos poucos abandona tal domínio, o tema hoje são as implicações disso, ou seja, desse horizonte a que se dá o nome de pós-sexualidade.

Marcela Iacub é filósofa e socióloga - professora em Paris.

ONDULAÇÕES PARANÓIDES | PASCAL DIBIE

As ondulações paranóides de nossa época colocam em evidência as mutações profundas da nossa vida cotidiana. Vivemos o paradoxo de um acesso irrestrito ao conhecimento humano e, ao mesmo tempo, assistimos ao desaparecimento do nosso humanismo.

Pascal Dibie, etnólogo professor da Paris VII

VIOLÊNCIA E SUBJETIVIDADE: A PSICANÁLISE E O SUJEITO PÓS-TRAUMÁTICO | SLAVOJ ZIZEK

Contra a arquitetura metafísica erguida ao longo dos séculos, uma das possíveis soluções para nossa condição seria aceitar a finitude como horizonte último: não há verdade absoluta, e tudo o que podemos fazer é conviver com a contingência de nossa existência, ou seja, o inelutável caráter do nosso ser-arremessado no interior de uma situação em que não há pontos de referência –enfim, o lado divertido da tragédia.

Slavoj Zizek é filósofo e doutor em Psicanálise.

A conferência de SLOVOJ ZIZEK no Rio será apresentada no dia 14 de outubro, às 20hs, no Teatro de Arena - Palácio Universitário da Praia Vermelha Avenida Pasteur, 250 -Urca - Forum de Ciência e Cultura. Às 18:40 haverá a exibição do documentário “Zizek”, dirigido por Astra Taylor (legendas em inglês) no Salão Pedro Calmon.

Após a conferência, lançamento do livro de ZIZEK “A visão de Paralaxe” (Editora Boitempo).

MUTAÇÕES | MD MAGNO

Do conceito de pulsão freudiana decorre o haver desejo de não-haver, ou seja, o desejo do impossível, que trata de quebrar a simetria do Originário e gerar pulsões que se fractalizam. É a tal percurso, repleto de avessos até a indiferenciação, que se dá o nome de Revirão. Assim também se move a cultura, através de cinco impérios: a mãe, o pai, o filho, o espírito e amém. Vivemos hoje a caótica passagem para quarto império.

MD Magno é psicanalista.